



10 A 14
NOVEMBRO
2019 NITERÓI
RIO DE JANEIRO

XXIII
BIENAL
DE MÚSICA
BRASILEIRA
CONTEMPORÂNEA

PRESIDENTE DA REPÚBLICA
JAIR MESSIAS BOLSONARO

MINISTRO DA CIDADANIA
OSMAR GASPARINI TERRA

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES - FUNARTE

PRESIDENTE EM EXERCÍCIO
LEÔNIDAS JOSÉ DE OLIVEIRA

DIRETOR DO CENTRO DA MÚSICA
BERNARDO GUERRA DUARTE

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

REITOR
ANTONIO CLAUDIO LUCAS DA NÓBREGA

VICE REITOR
FABIO BARBOZA PASSOS

SUPERINTENDENTE CENTRO DE ARTES UFF
LEONARDO GUELMAN

ASSISTENTE DA SUPERINTENDÊNCIA
IZAURA MARIANO

COORDENADORA DE MÚSICA
JULIANA AMARAL



10 A 14
NOVEMBRO
2019 NITERÓI
RIO DE JANEIRO

NITERÓI
CENTRO DE ARTES UFF

RIO DE JANEIRO
SALA CECÍLIA MEIRELES
TEATRO DULCINA

MINISTÉRIO DA CIDADANIA
FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTE / FUNARTE

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
CENTRO DE ARTES UFF

PARCERIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO/UFRJ
RÁDIO MEC
PROGRAMA PARTITURAS/TV BRASIL (EBC)
SALA CECÍLIA MEIRELES

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES - FUNARTE

CENTRO DA MÚSICA

DIREÇÃO
BERNARDO GUERRA DUARTE

COORDENAÇÃO DE MÚSICA DE CONCERTO
JOSÉ DUARTE MILLER SCHILLER

PRODUÇÃO
FLÁVIA PERALVA PINHEIRO

ASSISTÊNCIA DE PRODUÇÃO
LUIZ CARLOS DA SILVA
RICARDO RODRIGUES DE CARVALHO
VANDERCI LINS DE OLIVEIRA

COORDENAÇÃO ADMINISTRATIVA
MARCELO MOREIRA

TEATRO DULCINA

RESPONSÁVEL PELO TEATRO
SALVADOR FERNANDO PESSANHA

COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO
COORDENAÇÃO
MARCELO MAVIGNIER (INTERINO)

EQUIPE
LIVIA GOMES
MÁRCIA COTRIM
CATIA LIMA
RAFAEL SILVESTRE
MÁRCIO NICOLAU

CENTRO DE ARTES CÊNICAS
MÍDIAS SOCIAIS

CAMILO BOUSQUAT ÁRABE

CURADORIA E PARCERIA

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE (UFF)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)

CHAMADA PÚBLICA PARA A XXIII BIENAL DE MÚSICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

COMISSÃO DE SELEÇÃO

ALOYSIO FAGERLANDE
ANA DE OLIVEIRA
ANDRÉA ERNEST DIAS
JOSÉ AUGUSTO MANNIS
PEDRO BITTENCOURT
ROBERTO DUARTE
UBIRATÁ RODRIGUES
ÁLVARO CARRIELLO (REPRESENTANTE DA UFF EM COLABORAÇÃO COM A COMISSÃO DE SELEÇÃO)

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

CENTRO DE ARTES UFF

SUPERINTENDENTE
LEONARDO GUELMAN

ASSISTENTE DA SUPERINTENDÊNCIA
IZAURA MARIANO

COORDENADORA DE MÚSICA
JULIANA AMARAL

CHEFE DA DIVISÃO DE MÚSICA SINFÔNICA
ANA PAULA CERBINO

CHEFE DE DIVISÃO DE MÚSICA DE CÂMARA
KRISTINA AUGUSTIN

PRODUÇÃO
MARCIA SANTOS, MARIANA PIETROBON, ALEXANDRE MANGEON, SELENE FERREIRA, LAYSA SANTOS E LUISA RIBAS

ESTAGIÁRIA DE PRODUÇÃO CULTURAL
LETÍCIA PAIXÃO

MONTADORES
LEONARDO PINHEIRO, ROBSON CALDAS. NOÉ ABRAHAM, DINEY COSTA E MARCOS ROBERTO SILVA

COMUNICAÇÃO
RENATA CUNHA, ISABELLA CRISTO, LARA BARSÍ, JEFERSON LUCAS E SARAH ROQUE

CURADORIA XXIII BIENAL DE MÚSICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA
KRISTINA AUGUSTIN, WALESKA BELTRAMI E ALEXANDRE MANGEON

ASSESSORIA DE IMPRENSA XXIII BIENAL DE MÚSICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA
MARCUS VERAS

PROGRAMAÇÃO VISUAL DA XXIII BIENAL DE MÚSICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA
FELIPE DE GOUVÊA

XXIII Bienal de Música Brasileira Contemporânea

10 a 14 de novembro de 2019

Chegamos à 23ª edição da Bienal de Música Brasileira Contemporânea, desde que estreou em 1975. Cada uma delas reforça o significado e a importância de se manter ações continuadas para a produção musical entre nós. São raras as políticas de apoio às artes que chegam a 44 anos de realização ininterrupta no Brasil.

As 22 primeiras edições contemplaram 1.740 obras, e um total 472 compositores. Salvo engano, foram 1002 estreias de obras. Um universo que refletiu e propiciou a diversidade de linguagens, recursos expressivos, promoveu a convivência de autores estabelecidos com as novas gerações. Esta edição adiciona 52 obras a este acervo, 52 compositores que ampliam e atualizam a representatividade das Bienais.

Realizar e, principalmente, manter vivo um projeto como este é um aceno de que é possível a permanência de políticas públicas ao longo de cenários e conjunturas descontínuas, sujeitas às variações que caracterizam a economia e todos os setores da vida em cada momento no país.

A XXIII Bienal de Música Brasileira Contemporânea deve sua concretização a uma parceria inestimável estabelecida entre a Funarte, através do seu Centro da Música, e o Centro de Artes da Universidade Federal Fluminense, que tornou viáveis todas as etapas, do planejamento à realização de cada concerto. Dessa forma, superou a limitação imposta pelo menor prazo de execução de toda a história das bienais.

Igualmente fundamental foi a disponibilidade dos músicos que aceitaram o desafio de integrar a comissão de seleção das partituras, e trabalharam incansavelmente para analisar e chegar ao repertório aqui proposto. Também em curto espaço de tempo imposto pelo calendário apertado, longe do desejável. A eles, toda a gratidão e reconhecimento.

Esta Bienal marca a primeira edição do evento sem a presença do Flávio Silva. Musicólogo de grande relevância, foi o responsável direto por oito Bienais e acompanhou todas as que foram produzidas pela Funarte, onde trabalhou desde 1976. Sob sua coordenação, a Bienal atingiu as melhores condições para músicos e compositores. Ganhou dimensão abrangente e uma relevância que desafia a quem receba o encargo de mantê-la viva. A XXIII Bienal que ora inicia é dedicada à sua memória.

Rendemos também homenagem à compositora Vânia Dantas Leite, que nos deixou recentemente. Professora e criadora com enorme contribuição, especialmente no campo da música mista e acusmática entre nós, um nome emblemático para quem se refere ou trabalha com recursos tecnológicos e linguagens que envolvem a difusão eletroacústica.

Esta Bienal reúne cinco obras de compositores convidados. São homenageados por suas trajetórias, marcadas pela presença na vida musical e por sua produção. Juntam-se a essas outras 47 obras selecionadas por chamada pública específica.

Um destaque especial para a colaboração do Ensemble CEPROMUSIC. Um conjunto do México que nos visita para divulgar o repertório latino-americano atual, e que aceitou incondicionalmente preparar e apresentar duas obras brasileiras, indicadas pela Comissão de Seleção, em um dos concertos desta edição.

Imprescindível citar as parcerias essenciais para este projeto: a Orquestra Sinfônica da UFRJ; a Orquestra Sinfônica Nacional, da UFF. Todos os músicos, conjuntos e solistas que participam desta edição. Sem eles, não haveria a programação destes concertos. E finalmente, a equipe da Funarte. Nossos sinceros agradecimentos.

Desejamos que as obras e compositores que integram esta programação sejam uma possibilidade de contato entre o público, a produção atual da música de concerto brasileira, e um estímulo para se conhecer este universo muito mais amplo do que a amostragem aqui possível.

José Schiller

Coordenador de Música de Concerto

Centro da Música / Funarte / Ministério da Cidadania

É com grande entusiasmo que a Universidade Federal Fluminense se junta à Fundação Nacional de Artes na realização da 23ª Bienal de Música Brasileira Contemporânea, que tem como finalidade principal estimular e fomentar a produção da música de concerto em âmbito sinfônico e camerístico.

Ao estabelecer e garantir um processo continuado, a Bienal possibilita a renovação da criação de compositores e intérpretes brasileiros, bem como fortalece e amplia a difusão de suas obras e a recepção dessas, reafirmando a contribuição de uma experiência de quase cinco décadas voltada para o incremento da formação de público.

Cumpramos destacar, como incremento a esse processo, o alcance da produção musical no âmbito da UFF com a história acumulada de seus grupos desde a Orquestra Sinfônica Nacional – implementada inicialmente no Sistema de Rádiodifusão do Ministério da Educação, em 1961, sendo depois incorporada à UFF em 1984 – até o Quarteto de Cordas da UFF e o grupo de Música Antiga, todos estes se desenvolvendo com a marca destacada da pesquisa e da inovação.

Antonio Claudio Lucas da Nóbrega
Reitor da Universidade Federal Fluminense

A Bienal Feita por Muitos

A produção dessa edição da Bienal de Música Brasileira Contemporânea, uma realização conjunta do Centro de Artes UFF, por meio de sua coordenação de música, e da Funarte e sua coordenação de música de concerto, possibilitou um importante intercâmbio institucional no desenvolvimento de processos colaborativos de gestão e curadoria que se alinham a uma concepção de política cultural.

O principal contributo desse trabalho é o de irrigar os processos de criação da música de concerto, consubstanciado na seleção de 47 obras de composição recente, que integram um painel da diversidade sonora contemporânea do país. Esse número se acresce de outras cinco obras de compositores homenageados, entre estes, Jocy de Oliveira, Raul do Valle, Marlos Nobre, Edino Krieger, idealizador do projeto da Bienal e Ricardo Tacuchian, participante de todas as edições.

O desafio sempre renovado dessas iniciativas é o de diluir fronteiras entre o erudito e o popular, o tradicional e o contemporâneo, sensibilizando novos públicos para a força expressiva da música, enquanto linguagem universal.

Agradecemos a todos os músicos, solistas e grupos que aceitaram participar desta edição, no entendimento de que é preciso resistir e não desistir. Essa Bienal é feita por muitos!

Vida longa à Bienal de Música Brasileira Contemporânea!

Leonardo Guelman
Superintendente do Centro de Artes UFF

Juliana Amaral
Coordenadora de Música do Centro de Artes UFF

IN MEMORIAM

Flávio Silva
Vânia Dantas Leite

HOMENAGEM ESPECIAL

Edino Krieger
Ernst Mahle
Edmundo Villani-Côrtes
Kilza Setti
Maria Helena Rosas Fernandes
Sérgio Vasconcelos Correa
Jocy de Oliveira
Raul do Valle
Willy Corrêa de Oliveira
Marlos Nobre
Ricardo Tacuchian

XXIII BIENAL DE MÚSICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

CENTRO DE ARTES UFF

Domingo, 10 de novembro de 2019, às 10h30

Fernando Cerqueira	<i>Antigas Rotas, postlúdio para orquestra sinfônica (2018)</i>
J. Orlando Alves	<i>Concerto para trompa e orquestra (2017 - nova versão 2019)</i> <i>Solista: Philipe Doyle</i>
Alexandre Avellar	<i>Levantado do chão, quadros para orquestra sinfônica (2017)</i>
Roberto Macedo	<i>Pseudodivertimento para clarineta e orquestra (2016)</i> <i>Solista: José Batista Junior</i>
Marlos Nobre	<i>Sacre du Sacre Op. 118 (2013)</i>
Dimitri Cervo	<i>Concerto para Violino e Orquestra</i> <i>As Quatro Estações Brasileiras (2018-19)</i> <i>II - Inverno Pampeano (Pôr do Sol)</i> <i>IV - Verão Nordestino (Danças)</i> <i>Solista: Daniel Guedes</i>
João Guilherme Ripper	<i>Jogos Sinfônicos (2015)</i> <i>Distâncias (1ª movimento)</i> <i>Orquestra Sinfônica Nacional UFF</i> <i>Regente: Ricardo Bologna</i>

Antigas Rotas Fernando Cerqueira (Fernando Barbosa de Cerqueira) - Composta em 2018 e ainda inédita, a obra *Antigas Rotas - Postlúdio* explora as características estruturais e expressivas da orquestra, investigando os elementos idiomáticos, formais, melódicos, rítmicos, harmônicos e de instrumentação, responsáveis, ao longo da história, pela geração de arquétipos do que se percebe e entende como sinfônico, ou seja, o mais poderoso recurso sonoro da arte musical e, por esta razão, o meio preferido pelos mestres da música ocidental para criarem suas obras mais importantes.

Concerto para Trompa e Orquestra J. Orlando Alves (José Orlando Alves) - O Concerto para Trompa e Orquestra foi composto em 2017, encomendado pelo trompista Radegundis Tavares para ser estreado dentro da programação do "49th International Horn Symposium", realizado em Natal (RN). A estreia ocorreu no dia 30/06/2017, com a interpretação do trompista Philip Doyle (solista) e da Orquestra Sinfônica da Escola de Música da UFRN, com regência de André Muniz. O concerto foi composto em um movimento único e, na versão 2019, foi concebido com uma duração menor e orquestração reduzida. Existem três seções contrastantes, em termos de andamento e construção motivica, após a introdução: preciso, expressivo e scherzando. Duas cadências compostas para o solista pontuam o concerto no início, no término da introdução, e no final do concerto, antes da coda. Toda a elaboração motivica foi composta a partir da manipulação dos intervalos de trítone e semitom.

Levantado do Chão Alexandre Avellar (Alexandre Tavares Avellar) - A obra (inédita) é inspirada no romance homônimo do escritor português José Saramago, no qual o autor narra a história das lutas do povo do Alentejo, em Portugal, contra diversos tipos de opressão, tais como a econômica, a política e a religiosa, desde o início do século XX até a redemocratização do país a partir de 1974. Dada essa premissa, a obra musical traça um paralelo dessa história com a situação presente do Brasil, como um país no qual o povo deposita sua esperança de levantar-se novamente. Como disse o autor Saramago em uma entrevista: "A opressão é, por definição, esmagadora, tende a baixar, a calcar. O movimento que reage a isto é o movimento de levantar: levantar o peso que nos esmaga, que nos domina. [...] Levantado do Chão porque, no fundo, [...] acho que do chão se levanta tudo, até nós nos levantamos."

Pseudodivertimento para clarineta e orquestra Roberto Macedo (Roberto Macedo Ribeiro) - A obra constitui-se de sete seções integradas. Embora estejam presentes ideias diferentes, mas que são recorrentes em vários pontos da obra, em cada uma dessas recorrências, são empregadas técnicas e texturas diferentes. O mais relevante, no entanto, foi a busca de um tratamento equilibrado entre os papéis desempenhados pelo instrumento solista e a orquestra. A obra, dedicada ao clarinetista José Batista Júnior, foi estreada há dois anos por ele mesmo junto com a Orquestra Sinfônica do Estado do Sergipe, sob a direção do maestro Guilherme Mannis no teatro Tobias Barreto, em Aracaju.

Sacre du Sacre Marlos Nobre (Marlos Mesquita Nobre de Almeida) - Esta obra foi escrita em 2013 por encomenda da OSESP (Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo) especialmente para o concerto comemorativo do centenário da estreia mundial em 1913 do "Sacre du Printemps" de Stravinsky. A 1ª audição mundial da obra ocorreu em 7 de março de 2013, na Sala São Paulo, com a OSESP sob a direção do maestro Celso Antunes. Ao aceitar a encomenda declarei ser esta uma excelente ocasião para homenagear Stravinsky e sua obra mais emblemática, a mais importante no período de minha formação como compositor. Ainda adolescente, por volta de 1957, eu ouvia fascinado esta obra, gravada então em 6 LPs. Ouvia centenas de vezes, tentando fazer o elo entre cada parte do LP com as seguintes. No Recife de então era impossível encontrar a partitura e tal exercício mental foi fundamental para desenvolver em minha mente uma partitura idealizada e naturalmente muito aquém do original. Somente em 1960, no Rio de Janeiro, consegui enfim a partitura e foi um deslumbramento. A minha obra SACRE DU SACRE é portanto a minha própria homenagem a uma obra que praticamente abriu a minha mente à elaboração polirrítmica e politonal que marcou fortemente minha própria música até hoje".

Inverno Pampeano e Verão Nordestino Dimitri Cervo (Dimitri de Ávila Cervo) - Nessa obra para violino e orquestra realizo um passeio sonoro pelas quatro estações, associando-as a quatro regiões geográficas do Brasil. Nos movimentos Primavera Amazônica (Alvorecer), Inverno Pampeano (Pôr do Sol), Outono Pantaneiro (Águas), Verão Nordestino (Danças), retrato musicalmente as estações, assim como fenômenos naturais e humanos associados a elas nessas regiões. Através dessa obra almejo realizar um contraponto a "As Quatro Estações" de Vivaldi (1723) e a "Las Cuatro Estaciones Portenhas" de Piazzola (1969-1972), de forma a enriquecer a literatura violinística e o repertório musical brasileiro.

Distâncias João Guilherme Ripper (João Guilherme Ripper Vianna) - "Distâncias" é o primeiro movimento da obra "Jogos Sinfônicos", escrita a pedido do mestre Fábio Mechetti para a Orquestra Filarmônica de Minas Gerais, em comemoração à abertura da novíssima Sala Minas Gerais. A composição sublinha a persistência, resistência e energia. O tutti inicial apresenta o tema que perpassa toda a obra. Segue um trecho a cargo do violoncelo solo leva ao tema principal tocado pelas cordas. A conclusão desta seção, com a participação toda a orquestra, tem presença marcante da percussão em ritmo de samba. Segue-se a seção mais lírica, onde o clarinete executa uma longa melodia de caráter expressivo. As cordas desenvolvem o tema de abertura levando ao retorno do primeiro grupo temático, reapresentado de forma resumida e concluído com um novo tutti orquestral de forte caráter percussivo.

XXIII BIENAL DE MÚSICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

SALA CECÍLIA MEIRELES

Domingo, 10 de novembro de 2019 às 17h

Matheus Bitondi	<i>Gotas de vento e rajadas de aço para flauta, clarinete e violino (2018)</i> <i>Clarinete: Cesar Bonan Flauta: Rômulo Barbosa Violino: Tais Soares</i>
Roseane Yampolschi	<i>Candeias para violoncelo solo (2018)</i> <i>Solista: Lars Hoefs</i>
Elodie Bouny	<i>Déjà-Vu (quarteto de violões)</i> <i>Fábio Adour, Maria Haro, Marco Lima, Luis Carlos Barbieri</i>
Raul do Valle	<i>Arapuã (Série Miniaturas Sonoras para Solistas - 2015)</i> <i>Ponteio: Versão para Violoncelo Solo</i> <i>Solista: Lars Hoefs</i>
Nikolai Almeida Brucher	<i>Como um índio de casaca para quarteto de cordas (2017)</i> <i>Quarteto Kalimera</i> <i>1º violino: Luísa de Castro 2º violino: Tomaz Soares Viola: Jessé Máximo Pereira</i> <i>Violoncelo: Daniel Silva</i>
Rodrigo Marconi	<i>Peças Dispersas, violão solo (2016)</i> <i>Solista: Fábio Adour</i>
Vicente Alexim	<i>Clarinet Quintet para clarineta e quarteto de cordas (2019)</i> <i>Clarineta: Vicente Alexim</i> <i>Quarteto Kalimera</i> <i>1º Violino: Luísa de Castro 2º Violino: Tomaz Soares Viola: Jessé Máximo Pereira</i> <i>Violoncelo: Daniel Silva</i>
Rodrigo Lima	<i>Sopro Diagonal para quinteto de sopros (2017)</i> <i>Quinteto Lorenzo Fernandez</i> <i>Flauta: Rômulo Barbosa Oboé: Rodrigo Herculano Clarinete: Cesar Bonan</i> <i>Trompa: Alessandro Jeremias Fagote: Jeferson Souza</i>

Gotas de vento e rajadas de aço Matheus Bitondi (Matheus Gentile Bitondi) - A vã tentativa de um diálogo civilizado entre o som metálico do violino e o som aéreo da flauta e do clarinete termina em chacota, improperios e comentários sarcásticos. Temperamentos e figurações discordantes resultam em dissonâncias e ruídos. A nenhuma conclusão se chega. Talvez um acordo fosse possível, mas a peça é curta demais para isso.

Candeias Roseane Yampolschi - O título da peça serviu como inspiração para a composição da peça. De modo subjetivo, tal concepção imagética norteia poeticamente o processo de construção deste trabalho a partir de sua vivência interna. Ela anima, pois, a experiência sonora incorporada, que teve por finalidade buscar o gesto, dilatando-o no espaço. Dele emergem de maneira expressiva o timbre, a espessura do som e as suas variações de intensidade, energeticamente projetadas e articuladas.

Déjà-Vu Elodie Bouny - Este quarteto foi composto sob encomenda do Paris Guitares Quartet em 2018. Possui uma linguagem majoritariamente tonal com algumas incursões de atonalismo. É uma peça que usa muito os recursos da polirritmia e requer um trabalho criterioso no que diz da mistura dos timbres dos violões, o que não deixa de ser um desafio por lidar com 4 timbres idênticos, o blend é bastante difícil de se obter ao contrário que poderíamos imaginar.

Arapuã Raul do Valle (Raul Thomaz de Oliveira do Valle) - Obra pertencente à Série MINIATURAS SONORAS. Trata-se de uma peça singela, em que o intérprete procura exprimir sentimento intimista no trato com seu violoncelo.

Como um índio de casaca Nikolai Almeida Brucher - O quarteto de cordas Como um índio de casaca foi composto entre outubro de 2016 e Janeiro de 2017 por encomenda da Symphoniker Hamburg, a Orquestra Sinfônica de Hamburgo, na Alemanha, sob a direção artística de Daniel Kühnel, por ocasião do 130º aniversário do compositor Heitor Villa-Lobos (1887-1959). A estréia, precedida por uma execução do Quarteto No. 1 de Villa-Lobos, ocorreu em 21 de Março de 2017 no Salão Brahms da Sala de Concertos de Hamburgo, a Laeishalle. A obra foi então interpretada pelo Laeiszquartett, composto por 4 membros da orquestra. Concebida como uma homenagem a Villa-Lobos, a obra subdivide-se em 3 seções principais. A primeira tem um caráter agitado, vigoroso, buscando retratar o Villa-Lobos jovem, enérgico, revolucionário. Já a segunda, mais lenta, lebra o compositor em sua fase mais madura, voltado para o neo-classicismo, e na qual tanto se preocupou em estabelecer e propagar a importância do ensino da música no Brasil. A seção final faz referência à obra de Villa-Lobos como um todo, utilizando-se inclusive de diversas citações musicais retiradas das suas obras, com ênfase na série dos Chôros.

Peças Dispersas Rodrigo Marconi (Rodrigo Marconi da Costa) - Peças Dispersas é uma coleção de 5 pequenas peças contrastantes para violão solo onde tento explorar ao máximo as possibilidades técnicas do instrumento e suas sonoridades.

Quinteto para clarineta e quarteto de cordas Vicente Alexim (Vicente Alexim Nunes da Silva) - Quinteto para clarineta e quarteto de cordas foi escrito a partir de um som único na clarineta: uma série de multifônicos entre os quais o clarinetista pode deslizar com fluidez. A riqueza e a complexidade desses sons imediatamente saltaram aos meus ouvidos e logo me encontrei imaginando como poderiam interagir com a flexibilidade de timbres proporcionada pelo quarteto de cordas. O presente Quinteto busca realizar o potencial emocional que ouço nesses sons. Dada a concepção da obra, a clarineta ocupa papel central, porém não solístico. A estranha melodia criada pelos multifônicos serve como moldura da textura musical e incorpora a si os harmônicos das cordas. Gradualmente, violinos, viola e violoncelo se libertam dessa homogeneidade sonora e encontram suas vozes individuais, como um novelo de lã que aos poucos se desfaz.

Sopro Diagonal Rodrigo Lima (Rodrigo da Silva Lima) - A música deixa rastros na partitura, cria geometrias, traços e curvas no tempo. Sopro Diagonal é uma música de inspiração pictórica, há nela uma necessidade quase que permanente de pensar o fluxo sonoro como se estivesse desenhando linhas, pontos e camadas de cores sobre o pentagrama. Kandisky falava sobre a “nossa capacidade de escutar as cores”, por outro lado, imagino que escrever música é também uma forma de desenhar os sons. Foi movido por essa aspiração que escrevi Sopro Diagonal.

XXIII BIENAL DE MÚSICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

SALA CECÍLIA MEIRELES

Segunda, 11 de novembro de 2019 às 20h

Lucas Pigari	<i>Prelúdio Noturno para orquestra de cordas (2019)</i>
Tadeu Taffarello	<i>Volare para canto e orquestra de cordas (2018)</i> <i>Poemas de Sônia Cintra</i> <i>Solista: Andrea Adour</i>
Luigi Antonio Irlandini	<i>Santuário de Baleias para saxofone e orquestra de cordas (2016)</i> <i>Solista: Carlos Gontijo</i>
Rubens Russomanno Ricciardi	<i>“Trauert, oh Venus und Cupido” (2019)</i> <i>Ária da ópera “Die Witwe von Ephesos” (A viúva de Éfeso)</i> <i>Solista: Joahnnes Grau</i>
Rodrigo Cicchelli	<i>A Aurora de róseos dedos para orquestra de cordas (2018)*</i>
Lipe Portinho	<i>Concertino Brasileiro para contrabaixo e orquestra de cordas (2017)</i> <i>Solista: João Rafael Souza</i>
Edino Krieger	<i>Fantasia Concertante para piano e orquestra (2016)</i> <i>Solista: Marina Spoladore</i>

Orquestra Sinfônica da UFRJ

Regente: Thiago Santos

**Obra em primeira audição*

Prelúdio Noturno Lucas Pigari - A obra Prelúdio Noturno, para orquestra de cordas, composta em 2019, como o próprio título diz, evoca uma atmosfera noturna e misteriosa. Em termos estilísticos a peça tem harmonias não tonais, e técnicas instrumentais de efeito (pizzicato, pizzicato Bartók, sul ponticello e sul tasto) que buscam evocar um caráter enigmático.

Volare Tadeu Taffarello (Tadeu Moraes Taffarello) - Volare, poemas de Sônia Cintra, para voz e orquestra de cordas, foi composta entre os meses de julho e dezembro de 2018. A obra surgiu da vontade de prestar uma homenagem póstuma à poetisa paulista, membro da Academia Feminina de Letras de Artes de Jundiaí. O autor relata que deixou-se guiar por aquilo que lhe era sensível na obra da escritora, escolhendo poemas que o lembravam e que, para ele, faziam referências à Sandra, que é regente, contrabaixista e cantora, e ao seu irmão Fernando, violonista e guitarrista de música popular. Ao final de algumas semanas, procurou Sandra e selecionou 10 poemas para a composição de um ciclo. Durante o processo de escrita, certa manhã acordou com a melodia já pronta de um dos poemas que havia lido, mas não estava na seleção inicial, o que fez com que ele fosse incluído no ciclo, ficando, assim, no total com 11 poemas e 2 interlúdios escritos para voz solo (mezzo-soprano) e orquestra de cordas. Algumas canções têm relação entre si, com utilização de um mesmo material musical, ou de variações, ou de prestarem homenagens musicais a outras peças relevantes do repertório musical do século XX. A versão apresentada para a XXIII Bienal de Música Contemporânea é uma versão reduzida, contendo as canções 5, 6, 7, 9, 10 e 11.

Santuário de Baleias Luigi Antonio Irlandini (Luigi Antonio Monteiro Lobato Irlandini) - Santuário de Baleias foi escrita nos meses de Setembro e Outubro de 2016. A ideia de compor um “santuário” envolve um tratamento de proporções formais e simetrias do tipo encontrado na arquitetura de espaços sagrados e construção de templos. Esta relação com a arquitetura sacra tem sido um elemento recorrente no meu trabalho de composição, para o qual minhas referências são as catedrais românicas tais como San Miniato al Monte, em Florença, círculos de pedra e templos hindus. Determinei que as durações das cinco seções seriam relacionadas com a real área de superfície dos cinco oceanos. Estas áreas estão na proporção 1:1,5:5:8:12, que, talvez estranhamente, expressam a proporção da arquitetura sacra de modo aproximado. Arredondei-as para os números de Fibonacci 1:3:5:8:13 para expressar ainda de mais perto e aceitando a margem de erro que envolve a proporção 1:3, que não expressa. Estas proporções macroformais também regulam a microforma e os ritmos de nível formal intermediário. Combina-se aos elementos de geometria sacra a produção de um tempo musical que é cíclico tanto composicionalmente quanto na escuta, como uma circunambulação deste espaço imaginário, o santuário de baleias. A peça sugere o desejo talvez naïve, mas legítimo, de manter os oceanos em sua condição pristina e livre de lixo e caça industriais.

Ricciardi Trauert, oh Venus und Cupido Rubens Russomanno (Rubens Russomanno Ricciardi) - Trauert, oh Venus und Cupido (Chorem, ó Vênus e Cupido), composta na Basileia e em Ribeirão Preto, em 2019, é uma ária da ópera cantada em alemão, ainda inédita, Die Witwe von Ephesos (A Matrona de Éfeso), inspirada no conto homônimo de Petrónio (poeta romano), de sua obra Satyricom. Esta ária da personagem Klageweib (Carpideira) pertence à cena inicial do funeral, lamentando-se a morte de Cornélio (marido da Matrona), com o corpo deste presente. A ária, contudo, pode também ser cantada como obra independente, tal como nesta presente proposta. Seu texto é composto por um florilégio de poetas latinos e gregos, tais como Catulo, Horácio, Ovídio, Menandro e Eurípedes:

A Aurora de róseos dedos Rodrigo Cicchelli (Rodrigo Cicchelli Velloso) - A Aurora de róseos dedos é a quinta e última parte do ciclo intitulado Música Noturna, centrado nas cordas. Esta aventura me absorveu desde meados de 2015, quando compus a primeira peça do ciclo, intitulada À noite, um homem sozinho procura se recordar, para orquestra de cordas. As peças foram se seguindo com o Concertino Noturno, para flauta e cordas; Sonhos Vívidos, para piano e cordas; A hora mais escura, para flauta, piano e cordas; e, finalmente, A Aurora de róseos dedos, que concluí em fevereiro de 2018, única dentre as peças do ciclo que ainda aguarda sua primeira audição.

Concertino Brasileiro para Contrabaixo & Orquestra de Cordas Lipe Portinho (Felipe Clark Portinho) - Tenho a mania de, quando instigado a compor por “encomenda”, revirar meus alfarrábios (muitas vezes apenas em minhas lembranças) para encontrar algo que escrevera num passado distante e nunca usado. Como desde muito jovem tinha aspiração à compositor tenho a sorte de achar temas por mim totalmente esquecidos e não diferente foi escrever o Concertino Brasileiro para Contrabaixo & Orquestra de Cordas. Eis que achei numa “prateleira de minha mente” uma lembrança doce em forma de composição feita nos tempos que queria ser Andrés Segovia e estudava violão erudito com o gigante Leo Soares. Fiz esse tema num fim de semana daqueles na Pro Arte de Teresópolis, em 1981, tentando misturar samba com sarabanda. Fora impressionar uma menina no campus esse tema ficou esquecido e voltou agora para homenagear outro importante músico nosso, o professor de todos os contrabaixistas Sandrino Santoro. Escrevi esse Concertino para ele desenvolvendo esse inciso tão simples, que mais parece feito por todos “os sambistas do Rio”, à um grau de dificuldade que acho limítrofe para o instrumento como manda uma peça de nome Concertino. Ela está, como no concerto de Jean Françaix para contrabaixo, em tom de orquestra e não no, pra mim abominável, “um tom acima” inerente à linguagem operística dos concertos de Bottesinni, por isso a orquestra explora sonoridades mais brandas, divisi, sul ponticelli, pizzicatos e metades para que o equilíbrio com o solista seja apreciado pela plateia.

Fantasia Concertante Edino Krieger - A Fantasia Concertante para piano e orquestra foi composta em 2016, atendendo a convite da OSESP. A ideia era a de criar uma peça de curta duração para ser executada antes do Concerto de Mozart, na temporada de 2017. A ideia de uma Fantasia Concertante foi utilizar uma forma livre, que contrastasse com a estrutura formal clássica do Concerto de Mozart. A peça se desenvolve em duas grandes seções, a primeira formada de um motivo seco e forte de toda a orquestra e um desenho rápido ascendente do piano. Esses dois elementos se alternam num diálogo entre solista e orquestra. Uma segunda seção é introduzida, num tempo mais contido de marcha-rancho, que imprime à peça uma identidade cultural brasileira. As duas seções se repetem e conduzem a uma Coda conclusiva. A instrumentação utiliza o mesmo modelo clássico do Concerto de Mozart.

XXIII BIENAL DE MÚSICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

SALA CECÍLIA MEIRELES

Terça, 12 de novembro de 2019 às 20h

Ricardo Tacuchian	<i>Cerâmica (2017)</i> <i>Solista: Miriam Grosman</i>
Eli-Eri Moura	<i>Passionis de Flamma para soprano e piano (2017)</i> <i>Soprano: Gabriella Pace Piano: Katia Balloussier</i>
Paulo C. Chagas	<i>Pomona, über-reif para violoncelo e piano (2018)</i> <i>Violoncelo: Lars Hoefs Piano: Lucia Barrenechea</i>
Paulo Costa Lima	<i>Look at the sky, Op. 56, para clarineta e piano (2016)</i> <i>Clarinete: Igor Carvalho Piano: Katia Balloussier</i>
Carlos dos Santos	<i>Dois momentos para Violino, Clarinete e Piano (2018)</i> <i>Violino: Nikolay Sapoundjiev Clarinete: Thiago Tavares Piano: Silas Barbosa</i>
Mario Ferraro	<i>Trevo para trompete, violino e piano (2016)</i> <i>Violino: Tais Soares Trompete: Nailson Simões Piano: José Wellington</i>
Sérgio Rodrigo	<i>Ho/ketu/s para violoncelo e pianoforte (2016)</i> <i>Violoncelo: Elise Pittenger Piano: Luiz Carvalho</i>
Liduíno Pitombeira	<i>Seresta Nº 20, Op. 243, para saxofone alto e piano (2019)</i> <i>Saxofone: Jonatas Weima Piano: Maria Di Cavalcanti</i>
Wellington Gomes	<i>Serenata conflitante para o luar de Catulo e João (2019)</i> <i>Ensamble CEPROMUSIC - México</i> <i>Flauta: Diego Morábito Clarinete: Diego Cajas Piano: Gonzalo Gutiérrez</i> <i>Violino: Leonardo Chávez Viola: Alena Stryuchkova Violoncelo: Diego Gutiérrez</i> <i>Contrabaixo: Juan José García Percussão: Juan Gabriel Hernández</i>
Caio Facó	<i>Sopros do Estuário (2017)</i> <i>Ensamble CEPROMUSIC - México</i> <i>Flauta: Diego Morábito Clarinete: Diego Cajas Violino: Carlos Lot</i> <i>Violoncelo: Roxana Mendoza Piano: Gonzalo Gutiérrez</i>
Ivan Eiji Simurra	<i>Racian Miran Reus (2019)</i> <i>ABSTRAI ensemble</i> <i>Flauta: Pauxy Gentil-Nunes Clarinete: Batista Jr Saxofone: Paulo Vinícius Félix</i> <i>Piano: Marina Spoladore Violino: Mariana Salles Viola: Luis Audi</i> <i>Violoncelo: Pablo de Sá Contrabaixo: Rodrigo Favaro Regente: Leonardo Labrada</i> <i>Fundador e Diretor Artístico: Pedro Bittencourt</i>
Martin Herraiz	<i>Verfall de Vernunft (2019)</i> <i>ABSTRAI ensemble</i> <i>Soprano: Doriana Mendes Flauta: Pauxy Gentil-Nunes Clarinete: Batista Jr</i> <i>Piano: Marina Spoladore Violino: Mariana Salles Viola: Luis Audi</i> <i>Violoncelo: Pablo de Sá Regente: Leonardo Labrada</i> <i>Fundador e Diretor Artístico: Pedro Bittencourt</i>

Cerâmica Ricardo Tacuchian - *Cerâmica* (2017) é dedicada a Miriam Grosman que a estreou no mesmo ano de sua criação, no Palácio São Clemente, Rio de Janeiro. Faz parte de uma série de obras do autor construídas a partir de sugestões das artes plásticas. Vitrais, Tapeçaria, Azulejos e Arcos da Lapa (todas para piano), Grafite (piano a quatro mãos), Aquarela (Mão esquerda no piano), Água-forte (dois pianos), Xilogravura (viola e piano), Litogravura (flauta e piano), Serigrafia (trompete e piano), Mosaicos (dois violoncelos), Mestre Valentim no Largo do Carmo (órgão), Outeiro da Glória (Harmônio ou órgão), Natureza Morta (flauta, clarineta, violino e violoncelo), Quarteto de Cordas nº 5, "Afrescos", Transparências (vibrafone e piano), Light and Shadows (vibrafone, harpa, clarone, contrabaixo e percussão), Le Tombeau de Aleijadinho (piano ou para orquestra) e Pintura Rupestre (orquestra de câmara) são alguns exemplos de obras do compositor nessa linha. Em *Cerâmica* o autor sugere diferentes fases da obra de arte, desde a colheita da argila como matéria bruta, passando pela modelagem, pintura, fogo, acabamento final da cerâmica e, por fim, a exposição e a contemplação da obra.

Passionis de Flamma Eli-Eri Moura (Eli-Eri Luiz de Moura) - Literalmente, 'Paixão das Chamas', do latim - é, originalmente, um ciclo de doze canções, para soprano e piano, que engloba três "minipaixões", nas quais o sacrificado não é Cristo, mas a Femina, a Mulher (associada a diversos significados de um fogo ambíguo/simbólico) que tem sido imolada e martirizada no decorrer da História. Aqui, o ciclo é resumido a cinco canções: três delas (segunda, terceira e quarta) evocam ocorrências de feminicídio na América Latina moderna, casos de mulheres que foram vítimas das referidas chamas. O primeiro caso é o martírio de Isabela Pajuçara, a professora que foi estuprada e assassinada por conhecidos seus em Queimadas - pequena cidade do interior da Paraíba -, no dia 12 de fevereiro de 2012, em uma festa na qual foi dada de 'presente' aos seus algozes. O segundo refere-se a Mayara Amaral, uma jovem violonista e musicóloga de Campo Grande, MS, brutalmente assassinada pelo próprio namorado, em julho de 2017. Seu corpo, encontrado carbonizado, só foi reconhecido porque o fogo não atingiu os pés. O terceiro caso, ocorrido na Nicarágua em fevereiro de 2017, é o de Vilma Trujillo, queimada viva por evangélicos fundamentalistas que queriam expulsar o 'demônio' de seu corpo. Em contraste com tais casos, a primeira canção do ciclo reverencia a Mulher como o fogo da vida, o princípio feminino germinador da vida humana, enquanto a quinta apresenta uma reflexão nas palavras de Fernando Pessoa. Inspirada num procedimento utilizado por György Ligeti em sua Música Ricercata para piano solo, a parte do piano em *Passionis de Flamma* apresenta apenas uma nota (ou classe de nota) na primeira canção e avança introduzindo uma nova nota em cada subsequente canção até chegar ao total cromático na décima segunda (um fogo simbólico que aumenta e que consome...). A parte da soprano, por outro lado, começa com o total cromático na primeira canção, mas as classes de nota vão desaparecendo gradualmente a cada canção até chegar na última com apenas uma nota (um fogo simbólico que é extinguido...). Os textos, em latim e em português, todos de domínio público, foram extraídos de manuscritos medievais, de notícias da Internet, e de poemas dos portugueses Mário de Sá-Carneiro (1890-1916) e Fernando Pessoa (1888-1935).

I - Chama da Vida (Hildegard von Bingen)

II - Mulheres de Queimadas

III - Mayara Carbonizada

IV - Bruxa da Nicarágua

V - Phoenix

Pomona, über-reif Paulo C. Chagas (Paulo César de Amorim Chagas) - A peça se inspira no quadro de Paul Klee "Pomona, über-reif", de 1938, que vi no Centro Paul Klee em Berna, em setembro de 2018. Pomona é a ninfa romana dos jardins e árvores frutíferas. O quadro de Klee tem uma forte dinâmica, opondo linhas negras fortes a formas coloridas. A pintura sugere a maturação da fruta, a fertilidade e o crescimento. As frutas constituem um dos motivos mais importantes nos últimos anos de Klee, um período de extrema criatividade que durou até sua morte em 1940. A composição musical usa duas citações das Bachianas Brasileiras de Villa-Lobos no. 1 e 3. Pomona é também o nome de uma cidade do sul da Califórnia, localizada a meio caminho entre Los Angeles e Riverside, onde moro. A peça é uma homenagem a Klee, Villa-Lobos e à Califórnia.

Look at the sky Paulo Costa Lima - A peça medita sobre o sertão brasileiro, a tradição nordestina, a trama de sentidos que tanto envolve a paleta da alegria como a da nostalgia, imbricadas de tal jeito que quase não se separam. Gestos rítmicos e saltados e grandes arcos melódicos descendentes acalentados pelo timbre misterioso da clarineta, pelas sonoridades que extravasam do interior do piano, pelo encontro e desencontro de pronunciamentos desses dois repentistas que dialogam sob o céu estrelado da tradição nordestina, com alusões e derivações de uma canção de Luiz Gonzaga, e também outras possibilidades de leitura do mundo e de suas articulações sonoras.

Dois momentos Carlos dos Santos (Carlos Roberto Ferreira dos Santos) - O primeiro momento é o da indecisão no qual a música é mais misteriosa com questionamentos sobre que caminho seguir, o que fazer e em qual momento. No segundo momento uma certeza convincente que possui uma música mais vigorosa seguindo um caminho circular e imediato. Enquanto o primeiro possui muitas opções de rota sem nenhum aprofundamento o segundo é insistente em uma rota sem objetivo.

Trevo - Trio para piano, violino e trompete em dó Mario Ferraro (Mario Jacinto Ferraro Junior) - O título e a motivação composicional da obra remetem tanto à imagem das plantas compostas de três folíolos (um trevo, um trio instrumental), quanto à do trevo como junção de rodovias de tráfego intenso (nas suas rítmica e dinâmica em circunvoluções de ideias musicais). Teve como base de sua estrutura composicional uma justaposição de estruturas rítmicas que sugere uma dança, por meio de explorações temáticas livres de células simples - geralmente constituídas (também) por três notas, numa sequência intervalar de semitom - terça maior, sua inversão e suas derivadas, frequentemente acompanhadas por elementos em ostinato.

Ho/ketu/s Sérgio Rodrigo (Sérgio Rodrigo Ribeiro Lacerda) - Ho/ketu/s, para violoncelo e piano, se insere em um conjunto de composições, iniciado com Soluçário (2009), que busca refletir musicalmente sobre metáforas de movimento e suas múltiplas derivações poéticas e composicionais. O duo parte de duas referências, entrelaçando-as desde o título até à concepção musical. A primeira diz respeito à técnica do "hoquetus", procedimento composicional protopolifônico recorrente em diversas tradições musicais e que tem como base a ideia de alternância entre vozes. A segunda, à cultura afro-brasileira, representada através da palavra ketu, que remete às origens do candomblé no Brasil. Essa dupla referencialidade determina uma abordagem do referido procedimento técnico de forma a se explicitar sua potencialidade rítmica, engendrando-o como elemento definidor de uma espécie de máquina-movimento que tem como objetivo criar um caleidoscópio sonoro capaz de conjugar sonoridades e afetos oriundos universos sonoros os mais diversos.

Seresta Nº 20 Liduino Pitombeira (Liduino José Pitombeira de Oliveira) - Seresta é a denominação brasileira de serenata, que surgiu na tradição de Portugal no início do século XIX. Consistia em cantar canções líricas à noite para a pessoa amada ou enquanto se passeava pelas ruas. A Seresta N.20 faz parte de um ciclo que retrata danças e ritmos do Brasil. O primeiro movimento é inspirado no Frevo, uma dança popular de rua do Recife. O segundo, Incelença, é um tipo de cântico fúnebre das antigas tradições religiosas do Nordeste. O último movimento é inspirado nas Emboladas realizadas por cantadores e violeiros, que provavelmente herdaram sua tradição dos trovadores medievais. A Seresta N.20 é dedicada ao saxofonista brasileiro Jonatas Weima e foi composta especialmente para a XXIII Bienal de Música Brasileira Contemporânea.

Serenata conflitante para o luar de Catulo e João Wellington Gomes (Wellington Gomes da Silva) - Obra inédita, composta para a XXIII Bienal de Música Brasileira Contemporânea. A obra Serenata conflitante para o luar de Catulo e João é uma homenagem aos compositores de uma das músicas mais emblemáticas da cultura musical popular brasileira, Luar do Sertão, de Catulo da Paixão Cearense e João Pernambuco. Por muito tempo a autoria desta música para muitos foi motivo de dúvida - entre os dois autores -, causando assim uma verdadeira polêmica. Nesta obra, há uma intenção conflitante entre fragmentos, da primeira frase da música Luar do Sertão, e o contexto sonoro desta Serenata. Esses fragmentos sempre tentam emergir das texturas sonoras, criadas nesta obra, mas sem sucesso fraseológico completo de fato. O resultado fica sempre numa pequena e insustentável lembrança da referida música.

Sopros do Estuário Caio Facó (Caio Menezes Facó) - Esta é uma obra para Ensemble Pierrot, escrita inspirada nos entornos do Estuário do Rio Tejo (Lisboa).

Racian Miran Reus Ivan Eiji Simurra (Ivan Eiji Yamauchi Simurra) - Racion Miran Reus, para Conjunto Instrumental (Flauta; Clarinete; Saxofone Alto, Piano, Violino, Viola, Violoncelo e Contrabaixo), estabelece uma trajetória de transformação timbrística abarcando principalmente sons ruidosos, tonais, brilhantes e opacos. Naturalmente, as características timbrísticas descritas, acima, não são desenvolvidas nesta mesma sequência. O jogo, aqui proposto, concentra-se na indicação ou sugestão de tais características. O objetivo é incitar a percepção do ouvinte a essas características. Com a certeza de cada pessoa percebe a música de sua própria maneira, Racion Miran Reus será uma experiência única e particular para cada ouvinte. Ela já é para o próprio compositor!

Verfall der Vernunft Martin Herraiz - Verfall der Vernunft, composta durante meu período como artista em residência do KulturKontakt Austria em 2018, é a obra conclusiva de minha "trilogia vienense", iniciada com outras duas obras dedicadas ao Ensemble Reconsil e estreadas na capital austríaca: cubist dances, composta entre 2011 e 2013, e don't look now, de 2014. A História e os rumos tomados pelo Brasil desde então quiseram que a trilogia fosse encerrada com uma obra sombria, frenética e apocalíptica, uma sarcástica ode à ascensão do fascismo e ao "deterioramento da razão".



XXIII BIENAL DE MÚSICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

SALA CECÍLIA MEIRELES

Quarta, 13 de novembro de 2019 às 20h

Jocy de Oliveira	<i>Memória Para quatro vozes femininas e delays (2000)</i> <i>Vozes: Gabriela Geluda, Doriana Mendes, Cintia Graton, Cláudia Helena Alvarenga</i> <i>Difusão e processamento em tempo real: Marcelo Carneiro</i>
João Pedro Oliveira	<i>N'vi'ah (2019)</i> <i>Difusão: Guilherme Bertissolo</i>
Almeida-Ribeiro	<i>Unruhe (2018)</i> <i>Percussão: Ronni Kot Wanzel e Rodrigo Foti Difusão: Marcelo Carneiro</i>
Marcelo Carneiro	<i>Litosfera, obra eletroacústica acusmática (2019)</i>
Luciano Leite Barbosa	<i>Vanishing Point (2017)</i> <i>Traverso: Geisa Felipe Difusão: Marcelo Carneiro</i>
Indione Rodrigues	<i>Flegetonte (2017)</i> <i>Cron Ensemble</i> <i>Flauta: Lincoln Sena Clarineta: Marcos dos Passos Viola: Rúbia Siqueira</i> <i>Percussão: Pedro Moita</i>
Eloy Fritsch	<i>TSP Multipalco (2018)</i> <i>Difusão: Guilherme Bertissolo</i>
César Traldi e Daniel Barreiro	<i>Rastros#1 (2018)</i> <i>Vibrafone e sons eletroacústicos</i>
Tatiana Catanzaro	<i>Palimpseste (2018)</i> <i>Difusão: Marcelo Carneiro</i>
Gustavo Bonin	<i>Famigerado (2015)</i> <i>Cron Ensemble</i> <i>Flauta e Flautim: Lincoln Sena Clarineta e Clarone: Marcos dos Passos</i> <i>Vibrafone: Pedro Moita Violão: Marco Lima</i>
Guilherme Bertissolo	<i>Cabelo (Fricotando) 2015</i> <i>ABSTRAI ensemble</i> <i>Soprano: Doriana Mendes Flauta: Pauxy Gentil-Nunes Clarineta: Batista Jr</i> <i>Bandolim: Paulo Sá Violão: Fábio Adour Violoncelo: Pablo de Sá</i> <i>Percussão: Pedro Moita Regente: Leonardo Labrada</i> <i>Fundador e Diretor Artístico: Pedro Bittencourt</i>
Tim Rescala	<i>Dodecafunk (2015)</i> <i>Soprano: Doriana Mendes Sampler e MC: Tim Rescala</i> <i>Piano: Maria Teresa Madeira Flauta: Sofia Ceccato Fagote: Simon Béchemin</i>

Memória Jocy de Oliveira (Jocy Maria Carvalho de Oliveira de Carvalho) - Memória é uma peça composta de diferentes versões adquiridas ao longo dos anos, de vivências e acúmulo de memórias. Trata-se de uma peça contínua que se renova, compila, salva e deleta assim como nossa memória. Esta peça é concebida em sua versão 2016 para 3 cantoras podendo este número ser aumentado de acordo com o espaço acústico e densidade desejada. Memória se refere a sons da natureza, cantos de infância e os cantos que fazem parte do ideário de uma vida. São os sons que coletamos no nosso inconsciente e que voltam a tona, esparsos, antifonais, se combinando ao acaso e formando camadas ricas em textura e harmônicos.

N'vi'ah João Pedro Oliveira (João Pedro Paiva de Oliveira) - N'vi'ah é uma palavra hebraica que significa profetisa. Uma profetisa transmite uma ou mais mensagens divinas muitas vezes na forma de cânticos inspirados. E muitas vezes as suas palavras são enigmáticas, necessitando de interpretação ou mesmo tradução. Esta obra utiliza vocábulos isolados como material de construção. As palavras não se chegam a formar, mas pretendem deixar a quem escuta a possibilidade de imaginar o seu conteúdo e significado.

Unruhe Felipe de Almeida Ribeiro (Felipe de Almeida Ribeiro) - Unruhe foi composta em 2018 em uma parceria com o UM2UO e o SiMN 2018 (Simpósio Internacional de Música Nova) e traduz-se como desassossego. A obra propõe ao ouvinte uma imersão em mundo sonoro no qual a sensação de não familiaridade é objeto de exploração. Com base na poesia de Fernando Pessoa, percebe-se na obra, por exemplo, a constante busca por situações de desconstrução da voz humana, por meio de procedimentos eletrônicos e pela mistura de idiomas, no caso português, inglês e alemão. Unruhe faz parte de um ciclo de obras de Almeida-Ribeiro no qual reflete sobre o papel do compositor na era antropocênica.

Litosfera Marcelo Carneiro (Marcelo Carneiro de Lima) - Litosfera é uma narrativa imaginada dos possíveis sons provenientes das movimentações das placas tectônicas ao formarem e transformarem continuamente a crosta terrestre, criando relevos e possibilitando o desenvolvimento de formas de vida de todo o tipo. As formas de energia produtoras dos sons criados a partir daquela imagem mental e a ocupação dos espaços compostos estruturam a narrativa. Percussões-ressonâncias, fricções, rebotes, granulações, atuam em diferentes camadas de profundidade: planos distantes, médios, próximos. São rochas que se chocam produzindo novas formas; a terra e o cascalho em convolução; a água costurando caminhos; organismos diversos que ocupam os espaços. A narrativa sugere que as transformações do planeta são ininterruptas e que novas formas (inanimadas e animadas) continuarão surgindo.

Vanishing Point Luciano Leite Barbosa (Luciano de Souza Leite Barbosa) - Vanishing Point é uma peça para flauta barroca e sons eletrônicos, escrita em 2017 para o flautista Cheng-Yu Wu. A peça explora sons multifônicos da flauta, que são prolongados e justapostos, formando massas sonoras complexas. A ideia é contrastar a sonoridade delicada do instrumento barroco com texturas densas. Vanishing Point busca uma mudança perceptiva na atenção do ouvinte através da constante repetição dos sons multifônicos, revelando camadas sonoras ocultas presentes no som da flauta barroca.

Flegetonte Indione Rodrigues (Indione Carneiro Rodrigues) - A peça foi originalmente escrita como um número para o Balé-Concerto Águas do Éden e do Hades, do grupo Nova Camerata (vide www.novacamerata.wordpress.com/bale-concerto), inspirado no tema contemporâneo das águas, a partir dos rios míticos que atravessam o Éden judaico e o Hades grego. As águas são imaginadas, enquanto afeto e sugestão, como as que manavam do Eden para regá-lo e se dividiam em quatro ramos, quatro rios, o Eufrates (o principal rio do berço mesopotâmico de nossa civilização), o Hidequel (que flui veloz do Paraíso), o Ghion (que jorra com ímpeto) e o Pison (que circunda as terras de Havilá e onde há ouro, bdélio e ônix). Como conta o historiador judeu e cidadão romano Flávio Josefo por volta do ano 70 d.C., as correntes circundavam a Terra e as águas iam unir-se, na sua maior parte, por baixo da terra. E também debaixo da terra fluíam os cinco rios, de águas turbulentas, que faziam a fronteira entre nosso mundo e o mundo inferior do Hades: o Aqueronte (o rio da passagem para os mortos, da eterna aflição), o Cócito (do pranto e do lamento), o Flegetonte (de fogo), o Lete (do esquecimento) e o Estige (do ódio). Estes rios místicos marcam, em sua confluência entre as mitologias judaica e grega, a origem primeira de nossa cultura. Flegetonte é um rio de fogo, e neste quarteto a imagem do fogo, do fluir do fogo ao longo de seu caminho de labaredas e incandescências, é representada pelos gestos melódicos angulares da flauta, clarinete e percussão em torno de uma figuração melódica mais central e mais estável, conduzida pela viola, como um cantus firmus, ao longo de toda peça. Em meio a uma grande profusão de ornamentações diatônicas e cromáticas, organizadas serialmente, e repletas de rupturas, percebe-se ali uma linha melódica condutora, uma direção. Há esperança mesmo em meio ao lancinante flagelo de fogo de Flegetonte. A peça é composta por duas seções similares (variadas), entremeadas por dois strettis, e explora um princípio de ritmicalidade não confluyente, pleno de micro acelerações e desacelerações, entrecortadas por momentos de maior estabilidade métrica e da pulsação.

TSP Multipalco Eloy Fritsch (Eloi Fernando Fritsch) - Obra musical eletroacústica de Eloy F. Fritsch para sistema de projeção sonora multicanal foi estreada em 22 de novembro do ano 2018 no festival Internacional de Música Eletroacústica Ecos Urbanos, na Escola Superior de Música da Cidade do México. A composição é resultado do projeto de pesquisa Paisagens Sonoras financiado pela FAPERGS - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul. Os sons de instrumentos acústicos e vozes foram captados por Abel Roland durante ensaios de composições de Fernando Mattos interpretadas pela Orquestra de Câmara do Teatro São Pedro de Porto Alegre regida pelo maestro Antônio Borges Cunha. Os sons de martelos, serras e demais ruídos foram captados durante a construção do Multipalco do Teatro São Pedro. O compositor integrou as diferentes fontes sonoras em uma única peça eletroacústica utilizando recursos de organização, processamento e espacialização do som. Esta obra é dedicada ao compositor Antônio Borges Cunha.

Rastros #1 Cesar Traldi e Daniel Barreiro (César Adriano Traldi e Daniel Luís Barreiro) - "Rastros" refere-se aos traços deixados pelos gestos percussivos nas ressonâncias e texturas sonoras... Traços dos processos harmônicos e métricos que moldam o contexto musical da peça... Traços dos materiais sonoros que se cruzam e misturam na imaginação do ouvinte...

Palimpseste Tatiana Catanzaro (Tatiana Olivieri Catanzaro) - Palimpsesto (do grego antigo "palimpsêstos", "aquilo que se raspa para escrever de novo" e "arranhar, raspar") designa um pergaminho ou papiro cujo texto foi eliminado para permitir sua reutilização. Trago nessa peça vários textos sobrepostos oriundos de obras instrumentais antigas por mim compostas, fazendo emergir, através dessa reinjeção de sobreposições sonoras, uma nova retórica e uma nova agógica resultante.

Famigerado Gustavo Bonin (Gustavo Cardoso Bonin) - "...o medo é a ignorância em momento muito agudo...". A música se inspira no conto Famigerado, de Guimarães Rosa, em que um jagunço, famoso e temido, vai a procura de um "doutor" na região para saber o significado da palavra "famigerado". O jagunço conta para o doutor que chegou na cidade um "moço do Governo" que lhe chamou de famigerado e, por isso, precisava saber se o rapaz tinha ou não feito uma ofensa. O que conduz a relação, a partir daí, é a tensão de um impasse produzido pelo medo que o doutor sente em resolver a contento a dúvida do temido jagunço, o que a música expressa a partir, principalmente, da presença dos silêncios entre os eventos sonoros ou mesmo dentro deles. As sonoridades da peça são construídas por pequenos gestos sonoros congelados que vão se transformando e se sobrepondo lentamente ao longo de toda obra, uma harmonia com pouca movimentação e com encadeamentos recorrentes. Também há, em contato com os objetos sonoros, a matéria prosódica retirada do conto: ora são sílabas sussurradas, ora são frases inteiras e até mesmo aquelas que se fixaram em pequenas melodias. É a vontade de inserir, pela voz, um tanto de presença cênica na performance.

Cabelo (Fricotando) Guilherme Bertissolo - O ímpeto para a composição de Cabelo (Fricotando) surgiu de uma manifestação realizada por estudantes na ocasião da Aula-Show de Luiz Caldas na Universidade Federal da Bahia, em 2015, motivada por atos de injúria racial ocorridos na Faculdade de Arquitetura na Semana de Calouros, em março de 2015. O cabelo é um ato político, cultural, manifesta resistência e força. É uma homenagem ao cabelo afro, uma louvação esculhambativa / fusão crítica entre uma canção de Luiz Caldas (Fricote) com gestos e processos inspirados na ideia de uma textura de "Cabelo Duro". A obra homenageia também as mulheres negras, em especial ao cabelo duro e revolucionário de Luíza Mahin, personagem histórica da Bahia, uma das lideranças da Revolta dos Malês. A fusão crítica nos conduz pouco a pouco a excertos de um poema do seu filho, o poeta abolicionista Luís Gama, intitulado "Minha Mãe". Quando nos deparamos, estamos no ambiente sonoro do poema, numa espécie de ilusão de liberdade, para logo retornarmos ao nosso jogo de texturas, emaranhado de fios e cabelos afro. Definitivamente, eu não pentearia um cabelo afro, se tivesse um.

Dodecafunk Tim Rescala (Luiz Augusto Rescala) - Dodecafunk é um funk dodecafônico em homenagem aos 100 anos de Hans-Joachim Koellreutter, contando um pouco de sua vida desde sua chegada no Brasil em 1937. Mesclando universos musicais completamente diferentes, como o do funk carioca e o da música contemporânea, a peça utiliza técnicas composicionais diversas. O sampler, que faz um contraponto às vozes e aos instrumentos acústicos, utiliza sons preparados especialmente para a peça, como a voz do próprio Koellreutter e citações de obras referenciais da música de concerto.



TEATRO DULCINA

Quinta, 14 de novembro de 2019 às 19h

Alfredo Barros	<i>Vanescens para vibrafone (2014, revisado 2019)</i> <i>Solista: Leonardo Labrada</i>
Sergio Kafejian	<i>Circulares VII (2019)</i> <i>Oboé, Contrabaixo e Percussão Múltipla</i> <i>Oboé: Jorge Postel Contrabaixo: Cláudio Alves Percussão múltipla: Ronni Kot</i>
Amaro Borges	<i>Solofonia V para voz (2019)</i> <i>Solista: Gabriela Geluda</i>
Francisco Silva	<i>E agora? (2019)</i> <i>Clarinete: César Bonan Flauta: Rômulo Barbosa</i>
Mauricio Dottori	<i>Talerós - Phoné (2015)</i> <i>ABSTRAI ensemble</i> <i>Saxofone: Paulo Vinícius Félix Vibrafone e percussão: Leonardo Labrada</i> <i>Fundador e Diretor Artístico: Pedro Bittencourt</i>
Marcílio Onofre	<i>Quarteto de Cordas N.º 3, Oscura noche del alma (2017-2019)</i> <i>Quarteto Kalimera</i> <i>1º Violino: Luísa de Castro 2º Violino: Tomaz Soares Viola: Jessé Máximo Pereira</i> <i>Violoncelo: Daniel Silva</i>

Vanescens Alfredo Barros (Alfredo Jacinto de Barros) - Vanescens é uma obra em três movimentos (A nil, Reflexione Lumins, Longe Visio Fugit), onde o conceito é o envolvimento com a visão, luz, e reflexions, em um sentido no qual eles não são apenas literalmente tomados como fenômenos físicos, mas simbólica e subjetivamente. Vanescens é o segundo de um conjunto de obras em três movimentos cada que lidam com o mesmo tipo de ideia temática de luz e visão.

Circulares VII para Oboé, Contrabaixo e percussão múltipla Sergio Kafejian (Sergio Kafejian Cardoso Franco) - A partir de poucos objetos sonoros e texturas musicais, a peça se desenvolve em função das relações sempre renovadas entre seus materiais. Seus jogos de contração e distensão; densificação e rarefação propõem uma escuta contemplativa e imersiva, no qual a exploração das qualidades tímbricas dos instrumentos, se coloca, muitas vezes, em primeiro plano.

Solofonia V Amaro Borges (Amaro Borges Moreira Filho) - Nesta peça, o encontro de povos, representado aqui por suas crenças religiosas e o entrelaçamento de relações sociais de dominação, se dá através de três personagens arquetípicos: o Curumim, o Conquistador e o Escravo. Esta é a quinta de uma série de obras para intérpretes solo. Por isto o nome Solofonia, pois muitas vezes a escrita vai além do "instrumento solo", como é o caso aqui em que o (a) intérprete utiliza não somente o seu instrumento (a voz), mas outros recursos como as palmas, a dança e sua consequente percussão com os pés além, neste trabalho, de um pouco de teatro. É uma peça solo, mas é também "fonia": neste sentido descrito acima, como também por que trabalha musicalmente alguns sons dos fonemas do texto.

E agora? Francisco Silva (Francisco das Chagas da Conceição Silva) - A peça "E agora?" trabalha um lirismo através de melodias que às vezes são imitadas, às vezes desenvolvidas, outras contrastadas ao longo da interação entre os dois instrumentos, lirismo este que é interrompido cada vez mais enfaticamente por inserções mais enérgicas, rítmicas e dançantes. Flauta e clarineta estão sempre nessa berlinda entre tristeza, alegria e um pouco de agressividade.

Talerós - Phoné Mauricio Dottori (Mauricio Soares Dottori) - Há uma passagem na Odisséia em que Penélope, amargamente abalada ao receber notícias de seu filho, perde a voz (sua Talerè Phoné) e luta para expressar seus sentimentos. Esta é metade da inspiração, porque multifônicos — em que o sax parece também perder sua voz — eram parte da comissão do saxofonista Sérgio Monteiro Freire. A outra metade foi-me dada pelos próprios instrumentos jazzísticos que escolhi: como seria se John Coltrane tivesse de compor com sons contemporâneos?

Quarteto de Cordas no 3 - Oscura noche del alma Marcílio Onofre (Marcílio Fagner Onofre) - Escrito para a tradicional formação do quarteto de cordas, o Quarteto n.º 3 - Oscura noche del alma se inspira em poema quase homônimo, intitulado "La noche oscura del alma", escrito no Século XVI pelo religioso e poeta místico espanhol Juan de la Cruz (1542-1591). O Quarteto n.º 3 compartilha com a poema da Renascença espanhola a ideia de uma jornada espiritual da alma que, abandonando os sentidos, vaga pela escuridão até encontrar a iluminação. O Quarteto n.º 3 é caracterizado por uma "jornada" não linear, cheias de "idas e vindas", sem repetições em larga escala, com a superfície da malha musical fragmentada e com silêncios intercorrentes. Na obra de Juan de la Cruz a jornada leva à iluminação que é atingida a partir da união com Deus, em minha obra a "iluminação" é alcançada através da união com o silêncio (seria ele, o silêncio, um outro tipo de Deus?). Contextualizando a obra em minha produção recente, o Quarteto n.º 3 - Oscura noche del alma recicla e recontextualiza materiais já empregados em Obscuridade (In)Visível (2018) e "Não importa se morrerem antes..." (2019), duas das obras para orquestra de cordas que compartilham da temática da violência em suas várias formas.

ORQUESTRA SINFÔNICA NACIONAL UFF

Primeiros Violinos Ana de Oliveira (spalla), Holly Katz (spalla), Yuri Reis (spalla), Luisa de Castro (concertino), Monique Cabral (concertino), Álvaro Teixeira, Anderson Pequeno, Carlos Weidt, Gisele Sampaio*, Juan Marcelo Capobianco, Leonardo Fantini* e Tais Soares

Segundos Violinos Luiz Henrique Lima (líder de naipe), Luiz Felipe Ferreira (líder de naipe), Ayslany Edifrance (concertino), Daniel Andrade, Deivison Branco*, Elisa Pais*, Juliana Fernandes, Keeyth Vianna, Priscila Araújo, Renata Athayde, Rubem de Oliveira e Sônia Nogueira

Violas Clara Santos (líder de naipe), Diego da Silva (concertino), Carlos Henrique Fernandes, Daniel Prazeres, Fernando Thebaldi, Reneide Simões, Stoyan Gomide, Tina Werneck e Estevan Reis*

Violoncelos Daniel Silva (líder de naipe), Janaina Salles (concertino), Marcus Ribeiro (concertino), Gabriela Sepúlveda, Hudson Lima*, Luciano Corrêa* e Ronildo Alves

Contrabaixos Raul d'Oliveira (líder de naipe), Natália Terra (concertino), Cláudio Alves, Damu Shiva, Gael Lhoumeau, Jorge Oscar e Lise Bastos

Flautas Helder Teixeira (líder de naipe) e Murilo Barquete

Oboés Jeferson Nery, Rodrigo Herculano e Moisés Maciel

Clarinetas Tiago Teixeira (líder de naipe) e Anderson Alves*

Clarone Cesar Bonan

Fagotes Marcos Campos (líder de naipe) e Cosme José Marques e Jeferson Souza

Trompas Marco Vilas Boas (líder de naipe), Dayanderson Dantas, Geraldo Alves e Waleska Beltrami

Trompetes Flávio Melo (líder de naipe), Delton Braga, Elias Vicentino e Nelson Oliveira

Trombone Ezequiel Alexandre

Tubas Carlos Vega (líder de naipe)

Percussão Paulo Bogado (líder de naipe), André Santos, Nirailton Nascimento, Sergio Naidin* e Karla Bach*

Harpa Vanja Ferreira (líder de naipe) **Músicos em licença*

CENTRO DE ARTES UFF

Superintendente Centro de Artes UFF Leonardo Guelman

Assistente da Superintendência Izaura Mariano

Coordenadora de Música Juliana Amaral

Chefe da Divisão de Música Sinfônica Ana Paula Cerbino

Produção Marcia Santos

Estagiária de Produção Cultural Letícia Paixão

Inspetores Alexandre Castro Silva e Vinícios Benevides

Arquivista e Editor de Partituras Glauco Martins Baptista

Bolsista de Arquivologia Kellen Favoretto

Montadores Leonardo Pinheiro e Robson Caldas

Financeiro Laysa Santos

Administrativo Aline Picanço, Simone Coelho, Solange Blanco e Tereza Cristina Oliveira

Bolsistas de Estudos de Mídia Jeferson Lucas e Sarah Roque

ORQUESTRA SINFÔNICA DA UFRJ

Direção Artística André Cardoso e Ernani Aguiar

Primeiros Violinos Andréia Carizzi, Mateus Soares, Iago Pereira, Mauro Rufino, André Bukowitz, Mariana Machado, Inah Pena, Adailson de Barros, Marco Catto e Her Agapito

Segundos Violinos Angélica Alves, Joyce Teixeira, Sarah Cesário, Talita Vieira, Ana Catto, Isabela Rangel, Ricardo Coimbra e Kelly Davis

Violas Ivan Zandonade, Thais Mendes, Cecília Mendes, Denis Rangel, Francisco Pestana e Rubia Siqueira

Violoncelos Mateus Ceccato, João Bustamante, Paulo Santoro, Ricardo Santoro, Eleonora Fortunato e Marzia Miglietta

Contrabaixos Tarcísio Silva, Rodrigo Favaro, Voila Marques e Diego de Assis

Flauta Gabriel Carvalho

Oboés Juliana Bravim e Pierre Descaves

Fagotes Paulo Andrade e Mauro Ávila

Trompa Mateus Lisboa

Direção de Produção Vanessa Rocha

Coordenação de Palco Leonardo Pinheiro

Montagem Joceano Marinho e Matheus Lindemberg

Monitoria de Regência Felipe Damico

Monitoria Prática de Orquestra/Sinfônica Anne Karolyne Lima

ABSTRAI ensemble

O ABSTRAI ensemble é o principal grupo de música de câmara contemporânea no Rio de Janeiro em plena atividade desde 2011. Tem se apresentado nos principais festivais e salas de concerto brasileiras, além de uma turnê pelo México. É integrado por instrumentistas e compositores de renomada carreira e se dedica ao repertório dos séculos XX e XXI, principalmente em colaborações com compositores vivos (brasileiros e estrangeiros) e expoentes do século XX. Além de peças musicais instrumentais e vocais, o grupo utiliza regularmente nos seus concertos (e nas diversas atividades) as últimas tecnologias digitais, como a eletroacústica e a música mista. O grupo se dedica também a atividades pedagógicas como oficinas, master-classes, encontros de interpretação musical/composição, além de realizar concertos comentados, contribuindo para a formação de público de música de concerto no Brasil. Em 2018 o ABSTRAI ensemble lançou o seu 1º CD, intitulado “Experiência”, com direção artística do fundador do grupo, o saxofonista, professor e pesquisador Pedro Bittencourt. O CD traz com exclusividade obras recentes dos compositores brasileiros Roberto Victorio, Rodrigo Lima, Michelle Agnes, Pauxy Gentil-Nunes, além do português João Pedro Oliveira, do grego Phivos Angelos-Kollias e do francês Didier Marc Garin. “Experiência” é uma produção independente do ABSTRAI ensemble, disponibilizada em CD físico e nas principais plataformas digitais pelo selo A Casa Estúdio.

O ABSTRAI ensemble pode ser visto como um instrumento não só de difusão de cultura, mas também da sua produção, contribuindo pela diversidade musical.

CRON ENSEMBLE

O CRON ENSEMBLE iniciou suas atividades, em 2003, sob a direção de Marcos Nogueira e Yahn Wagner, professores de composição da Escola de Música da UFRJ. Sua primeira formação estreou em recital no auditório da Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, em agosto de 2004, e no ano seguinte já realizava sua primeira turnê por 16 cidades do Sul e Sudeste brasileiros, culminando com a participação na XVI Bienal de Música Brasileira Contemporânea/Funarte, no mesmo ano. A consolidação do trabalho veio com a realização de nova turnê, em 2006, incluindo 16 cidades das regiões Nordeste e Centro-Oeste. Desde então o CRON já realizou mais de 80 concertos, participando regularmente de alguns dos mais importantes eventos brasileiros dedicados à música acadêmica contemporânea, tais como o Panorama da Música Brasileira Atual/EM-UFRJ e a Bienal de Música Brasileira Contemporânea, da qual desde 2005 não deixou de integrar a programação em nenhuma de suas edições. Em seus 15 anos de atividades o CRON já apresentou obras de mais de 30 compositores brasileiros, de várias gerações, tendo gravado mais de 20 obras apresentadas em concertos, várias delas dedicadas ao ensemble.

Quinteto Lorenzo Fernandez

Fruto do encontro entre talentosos músicos, atuantes no cenário da música de concerto da cidade do Rio de Janeiro, o grupo que nasceu como resultado do trabalho desenvolvido no Quinteto Experimental de Sopros da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), sob orientação do Prof. Aloysio Fagerlande, nos anos de 2009 e 2010 é o retrato da nova geração da música de concerto brasileira.

O quinteto de sopros já acumula prêmios importantes, como o Festival de Música Rádios MEC e Nacional (2016), como “Melhor Intérprete Música Instrumental”, com a música Maxixando na Pracinha, de Isaías Ferreira; Grupo Revelação Rádio MEC FM Sala de Concerto de Gala (2013), em homenagem aos 30 anos da Rádio MEC-FM e também em comemoração aos 90 anos do Rádio no Brasil; segundo lugar no II Concurso de Música de Câmara do V Furnas Geração Musical e 50º Festival Villa-Lobos, ambos em 2012, além de ser, entre 2014 e 2015, Grupo Residente da Academia Brasileira de Música.

Há, ainda, no currículo do grupo, um CD lançado em 2015 intitulado “Música Carioca de Concerto – Quintetos de Sopros”, que reúne obras de compositores do circuito erudito da cidade, como Ricardo Tacuchian, Thiago Sias, Rudi Garrido, Azael Neto, Rodrigo Marconi e Sergio Roberto de Oliveira, que também assinou a produção do disco, além da participação nos mais importantes e diversos eventos do cenário da música erudita.

Quarteto Kalimera

Premiado como “Melhor Intérprete de Música Clássica” no Festival de Música da Rádio MEC 2018 pela gravação de “Reverenciando Radamés” de Ivan Paparguerius, o Quarteto Kalimera nasceu em 2018, da vontade de seus integrantes de pesquisar e executar obras icônicas do repertório tradicional brasileiro e universal para esta formação. Por ser uma pequena formação consegue atingir novos públicos através de seus concertos. Buscam levar ao público esta forma de arte trazendo apresentações com programas de linguagem musical variada e com performances energéticas, objetivando despertar o interesse da audiência para a imensa literatura escrita para quarteto de cordas. Durante o XXIX Panorama de Música Brasileira Atual, promovido pela Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, o Quarteto Kalimera executou quatro estreias mundiais dos compositores Ivan Paparguerius (Cinética), Liduíno Pitombeira (Seresta nº 12), Pedro Proença (The communist’s sorrow) e Rodrigo Camargo (O Quarteto).

Ensamble CEPROMUSIC (México)

O Centro de Experimentação e Produção de Música Contemporânea (CEPROMUSIC), criado em 2012, é um espaço que converge atividades artísticas e acadêmicas em prol da criação, desenvolvimento e difusão da música contemporânea no México por meio do fomento, da experimentação, produção, divulgação e formação da criação musical atual. Além de suas temporadas regulares no Palácio de Belas Artes, o Ensamble CEPROMUSIC já realizou sete turnês internacionais, com grande sucesso de crítica e público, na Inglaterra, Escócia, Espanha, Colômbia, Alemanha e dois nos Estados Unidos, bem como residências artísticas e acadêmicas no México, Estados Unidos, Colômbia e Reino Unido.

O Ensemble colabora habitualmente com outras áreas, como o vídeo, o teatro, o cinema mudo, a dança e a multimídia. E conta com três produções discográficas.